

GISELE DA-SOLER TEIXEIRA

**DE UM ATALHO ESTREITO, TRANSFORMA-SE EM LARGAS
AVENIDAS: ARARANGUÁ**

Araranguá, 2006.

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC

GISELE DA-SOLER TEIXEIRA

**DE UM ATALHO ESTREITO, TRANSFORMA-SE EM LARGAS
AVENIDAS: ARARANGUÁ**

Araranguá, 2006.

GISELE DA-SOLER TEIXEIRA

**DE UM ATALHO ESTREITO, TRANSFORMA-SE EM LARGAS
AVENIDAS: ARARANGUÁ**

Monografia apresentada à Diretoria de Pós-Graduação da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, para a obtenção do título de especialista em História Social e História Cultural.

Orientador: Prof. Antônio César Sprícigo

Araranguá, 2006.

AGRADECIMENTO

Registro o apoio incondicional de meus familiares e amigos desde o início da empreitada.

Pude contar, com a atenção e a confiança do professor-Mestre Antônio César Sprícigo, meu orientador. Sua comunicação direta e suas observações inteligentes muito me ajudaram a superar várias dificuldades em diferentes momentos do trabalho.

Por caprichos da sorte, encontrei pessoas que me auxiliaram, das mais diferentes maneiras, para levar a diante e concluir este trabalho.

Por fim, gostaria de salientar o carinho, a gentileza e a hospitalidade com que eu, fui recebida pelos entrevistados.

RESUMO

Araranguá tem muito do que se orgulhar em sua trajetória. Missionários e emissários da corte e do Presidente da Província, também percorriam estes caminhos, que além do litoral aberto, ofereciam, na abertura da foz do rio, uma tentadora visão da única entrada para o interior da desconhecida região, a qual desenrola a nossa pesquisa. Estão próximos ao Morro dos Conventos, famosos balneários, situados no outro lado do rio à margem direita e à beira-mar que, na temporada de verão, recebe turistas oriundos de várias partes do Brasil, bem como do exterior. A civilização atual já não permite que grande parcela do saber dos antepassados seja, transmitida às gerações futuras. Cada declarante pode ter-se colocado no centro dos acontecimentos. O desenvolvimento do tema contempla três capítulos distintos. No primeiro, faz-se uma abordagem com respeito ao caminho dos tropeiros em Santa Catarina. No segundo capítulo enfoca-se o caminho dos Conventos em Araranguá, que abordará a importância do caminho através da história oral e bibliográfica. Sendo que no terceiro capítulo faz-se referência à relevância das lembranças. Busca-se apresentar através delas, acontecimentos de suma importância para esse povo. De nossa parte também estamos empenhados na tarefa de recuperar fragmentos do passado, recolhendo diretamente dos nossos anciãos, histórias vividas e guardadas no arquivo da memória. Esse mesmo gado resultará na produção do imenso estoque de carnes nas vacarias do Rio Grande do Sul". No terceiro capítulo, a história de Araranguá teve mais de uma compreensão ao longo do tempo. Como afirma Hobold, os primeiros grupos humanos instalaram-se no Morro dos Conventos perto da foz do Rio Araranguá. As viagens da época eram longas e cansativas, dependiam do trote dos animais, levando-os a procurar um lugar seguro para descansar. No município de Xanxerê, a reserva dos Kaingang. Infelizmente, existe pouca historiografia de Araranguá, que fala do início da povoação, do progresso desta cidade. Norte e Sul do Estado com maior destaque para Santo Antônio dos Anjos de Laguna. Também herdamos grande parte da nossa cultura, dos negros. Paralelamente, os textos que falam do urbano, sejam eles oficiais ou dos usuários da cidade, expressam, por sua vez, expectativas, projetos e inquietações sobre transformação do município. Alguns moradores localizados no distrito, Hercílio Luz, contribuíram com algumas lembranças do início do povoamento de Araranguá. A comunidade de Ilhas fica situada na região Sul do Estado de Santa Catarina, na faixa litorânea, a poucos metros do nível do mar, e banhada pelo Rio Araranguá que em seguida desemboca no Oceano Atlântico. O povo dessa localidade sabe mais história de Araranguá do que os atuais moradores da cidade. Hoje, a maioria dos moradores da cidade é de ascendência italiana. Araranguá preserva suas tradições, principalmente os moradores de Ilhas, a mais antiga colônia de pescadores da foz do rio Araranguá e que deu origem ao município, a Igreja Nossa Senhora Mãe dos Homens, no centro da cidade.

Palavras-chaves: Araranguá; Caminho dos Conventos; Civilizações; Colonização; Hercílio Luz; Ilhas; Memória; Povoamento; Tropas; Tropeiros.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
DE UM ATALHO ESTREITO, TRANSFORMA-SE EM LARGAS AVENIDAS: ARARANGUÁ.....	11
ARARANGUÁ CAMINHO DOS CONVENTOS.....	16
OS NATIVOS: TAMBÉM FIZERAM HISTÓRIA EM ARARANGUÁ.....	19
ARARANGUÁ: NOSSA HISTÓRIA, NOSSA GENTE.....	23
CIDADE COMO DESAFIO: UTOPIAS, PROJETOS E INTERVENÇÕES.....	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
REFERÊNCIAS.....	51
ANEXO.....	52

INTRODUÇÃO

Araranguá tem muito do que se orgulhar em sua trajetória. A estratégica situação geográfica serviu, desde os primórdios, como grande referência aos aventureiros que seguiam pelo seu litoral em direção ao Rio Grande do Sul.

Durante décadas, desde meados do século XV, estas terras não passavam de simples corredor, caminho aberto pela seguidas diligências lideradas por militares, tropeiros, bugreiros, colonizadores e outros, que, denominado desbravadores, capturavam e comercializavam índios e escravos. Missionários e emissários da corte e do Presidente da Província, também percorriam estes caminhos, que além do litoral aberto, ofereciam, na abertura da foz de um rio, uma tentadora visão da única entrada para o interior da desconhecida região, a qual desenrola a nossa pesquisa.

Araranguá escreveu pouco sua história, sua rica historia, quase sepultada nos escaninhos do tempo, transformando em entrevista e diário. Um grande organizador e pesquisador o Pe. João Dall'Alba contribuiu com dois livros: ***Memória de Araranguá e Histórias do Grande Araranguá***, que contribuem nesta pesquisa científica. Outra referência bibliográfica de uma importância para os araranguaenses e para este trabalho, ***A História de Araranguá***, complementada e atualizada por Alexandre Rocha.

Hercílio Luz, Ilhas e Morro Agudo são comunidades pertencentes ao Município de Araranguá, que se localiza no Extremo Sul do Estado de Santa Catarina. São povoados vizinhos que se formaram à margem esquerda do Rio Araranguá e nas proximidades do Oceano Atlântico, com os quais se limitam. Estão

próximos ao Morro dos Conventos, famoso balneário, situado no outro lado do rio, margem direita e à beira-mar que, na temporada de verão, recebe turistas oriundos de várias partes do Brasil, bem como do exterior.

Todos têm um privilégio não extensivo aos demais, visto que, à margem dele, o rio desemboca no oceano, constituindo-se em espetáculo ímpar e grandioso. À oeste limita-se com o Município de Maracajá, situado às margens da BR 101, rodovia que liga o Estado catarinense ao Rio Grande do Sul e Paraná. Ao norte, situam-se o Município de Criciúma e de Içara que, outrora, pertenceram a Araranguá.

A civilização atual já não permite que grande parcela do saber dos antepassados seja transmitida às gerações futuras. Algumas entrevistas foram realizadas pessoalmente, outras devido às dificuldades, pela idade avançada ou doenças das pessoas entrevistadas não foi possível realizá-las. Muitas das pessoas as quais prestaram depoimentos valiosíssimos na obra do Padre Dall'Alba, não estão mais entre nós, levando consigo uma riqueza inesgotável.

Repetições há, e muitas, pois é impossível evitá-las neste estágio da pesquisa, porque estas servem para confirmar. Cada declarante pode ter-se colocado no centro dos acontecimentos.

A comunidade de Hercílio Luz, antiga localidade precursora de Araranguá, junto com Ilhas perdeu destaques, importância e agora luta para deixar de pertencer à Araranguá. Assim como Barra Velha. Devido ao não atendimento de suas históricas reivindicações, por parte dos governantes. A idéia consiste em vincular a localidade ao Município de Maracajá ou Criciúma, os quais não possuem tradição pesqueira. Araranguá por sua vez, conta com outras comunidades que se dedicam à pesca, como Morro dos Conventos e Ilhas.

Dando ênfase a alguns questionamentos: como se iniciou as primeiras comunidades, como progrediram e como vivem os moradores dessas localidades. Entre outros aspectos que surgiram no decorrer da pesquisa. Utilizando-se de alguns recursos que possibilitem a geração de um saber enriquecido, juntamente com a pesquisa oral.

Entretanto, não se pretende realizar uma descrição de todos os eventos geradores ou oriundos da gênese da cidade.

Acrescente-se também a necessidade de registrá-las, para que não desapareçam. Como se dispunha de poucas informações sobre os mesmos, além de pesquisa de campo, foram consultadas outras obras bibliográficas para aprofundar o tema enfocado.

Pelo fato de alguns moradores dessas localidades não se recordarem de alguns acontecimentos e muitos deles serem analfabetos ou terem dificuldade de escrever, houve a necessidade de que a investigação fosse realizada em forma de entrevista, cujo esboço preliminar do roteiro foi sendo ampliado com perguntas complementares, diante de revelações colhidas durante a pesquisa. A utilização de gravador impediu a perda de algumas informações preciosas as quais servirão, posteriormente para análises mais apuradas.

O desenvolvimento do tema contempla três capítulos distintos.

No primeiro, faz-se uma abordagem com respeito ao caminho dos tropeiros em Santa Catarina.

No segundo capítulo, enfoca-se o caminho dos Conventos em Araranguá, que abordará à importância do caminho através da história oral e bibliográfica. Transcrevem-se alguns depoimentos colhidos que refletem a vida, o trabalho e os

problemas que os antepassados enfrentaram, principalmente os nativos dessas primeiras localidades, Cangicas, Ilhas entre outras.

Já no terceiro capítulo faz-se referência à relevância das lembranças. Busca-se apresentar através delas, acontecimentos de suma importância para esse povo. A luta por uma capela, a emancipação de Araranguá, entre outros acontecimentos, mencionados pelas pessoas entrevistadas. O segundo e o terceiro capítulo contarão com a colaboração das obras de Paulo Hobold (2005) e Pe. João Dall'Alba (1997), para uma análise da comunidade pesqueira e da cultura herdada dos açorianos, na formação litorânea catarinense, incluindo o Município de Araranguá, visto que, foram os lagunenses os primeiros moradores, de acordo com os relatos dos entrevistados e escritores dessas obras.

Araranguá, que tem um passado de glória e de sacrifícios, através da saga dos pioneiros e desbravadores, depois de 126 anos de Município, conta, infelizmente, com poucos livros, que enriqueceram a pesquisa. De nossa parte também estamos empenhados na tarefa de recuperar fragmentos do passado, recolhendo diretamente dos nossos anciãos, histórias vividas e guardadas no arquivo da memória.

DE UM ATALHO ESTREITO, TRANSFORMA-SE EM LARGAS AVENIDAS: ARARANGUÁ

Na caminhada do ser humano sempre em busca de atalhos, devido à falta de tempo, o corre-corre do dia-a-dia, não permite seguirmos no caminho pronto. Observamos estradas curtas as quais possam nos levar ao desenvolvimento e às transformações. Assistimos assim, juntos, ao surgimento do progresso.

É através de um caminho curto que se inicia a nossa história. Embora os personagens dessa história não sejam de origem araranguaense contribuíram e muito para o desenvolvimento da cidade.

A população araranguaense orgulha-se quando os meios de comunicação relatam notícias das tropas e tropeiros no Brasil. Leva-nos à recordar os fatos históricos, que ajudaram para o surgimento da nossa primeira Vila, conhecida como Campinas, que encontra-se em alguns documentos, relatos, e em outras pesquisas realizadas por historiadores e outros estudiosos, transformado-se em material historiográfico. As visitas das tropas e tropeiros deixaram marcas para serem lembradas, estudadas, analisadas e pesquisadas por quem se interessa em saber os caminhos trilhados por Araranguá.

Por volta do século XVIII, iniciam-se os caminhos de tropas no Brasil. O tropeiro foi um personagem típico de nossa sociedade. Na época utilizavam como meio de transportes, mulas e cavalos.

Devido a um problema climático no Sertão Nordestino, os criadores deslocam-se para o Rio São Francisco, por causa das secas, passando

posteriormente para Minas Gerais. Com o crescimento dos rebanhos estende-se em direção ao Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná.

Para Goulart¹, os tropeiros eram pessoas de grandes posses e de destaque na sociedade da época. As notícias chegavam nos vilarejos por intermédio dos tropeiros, os quais também exerciam o trabalho de correio, entregando bilhetes e recados de negócios.

Para o autor, os tropeiros, passando pelos Campos Gerais, por Sorocaba e indo até o Rio Grande do Sul, conseguiram aproximar os gaúchos do restante do Brasil, impedindo que os mesmos se tornassem castelhanos. Trouxeram o dialeto, o churrasco, o charque e muitos outros elementos de cultura castelhana. Tanto os homens quanto os animais, enfrentaram muitos obstáculos, desde matos altos, montanhas, rios entre outras dificuldades.

O professor Ruy Christovam Wachowiez em seu livro *História do Paraná*, enfatiza a estrada da Mata:

A comunidade dos Campos Gerais paranaenses com XVIII é que vai definir-se a denominada Estrada da Mata. Era na realidade um caminho, ou simplesmente uma picada, que comunicava os campos do Rio Grande do Sul desde Viamão até a tradicional feira paulista de Sorocaba. Nos séculos XVIII e XIX, seu trânsito foi muito intenso. As populações de Minas Gerais atarefadíssimas na lavra do ouro, não se dedicavam à pecuária nem à agricultura. Havia na região grande premência de víveres. Suas populações eram abastecidas de carne bovina, com rebanhos vindo do nordeste brasileiro e do Rio Grande do Sul era revendido em Sorocaba e conduzido até as Minas Gerais. Não foi só o trânsito do gado bovino que caracterizou a Estrada da Mata; também tropas de muares dominavam em seu trajeto. Realizavam as tropas de muares um ativo comércio entre as vilas do interior paulista e gaúcho.²

Segundo Wachowiez, naquela época a distância que havia de uma cidade à outra, correspondia a um dia de viagem do tropeiro. Enquanto que nos dias atuais, chega-se com facilidade em minutos ou horas em outros municípios. Naquele período correspondia a grandes distâncias e espaço de tempo, devido às

¹ GOULART, J. L. *Tropas e tropeiros na formação do Brasil*. Rio de Janeiro. Conquista . 1961.

² WACHOWIEZ, Profº Ruy Christovam. *História do Paraná*. Vicentina Ltda. – 6ª ed. 1988. 102 – 103.

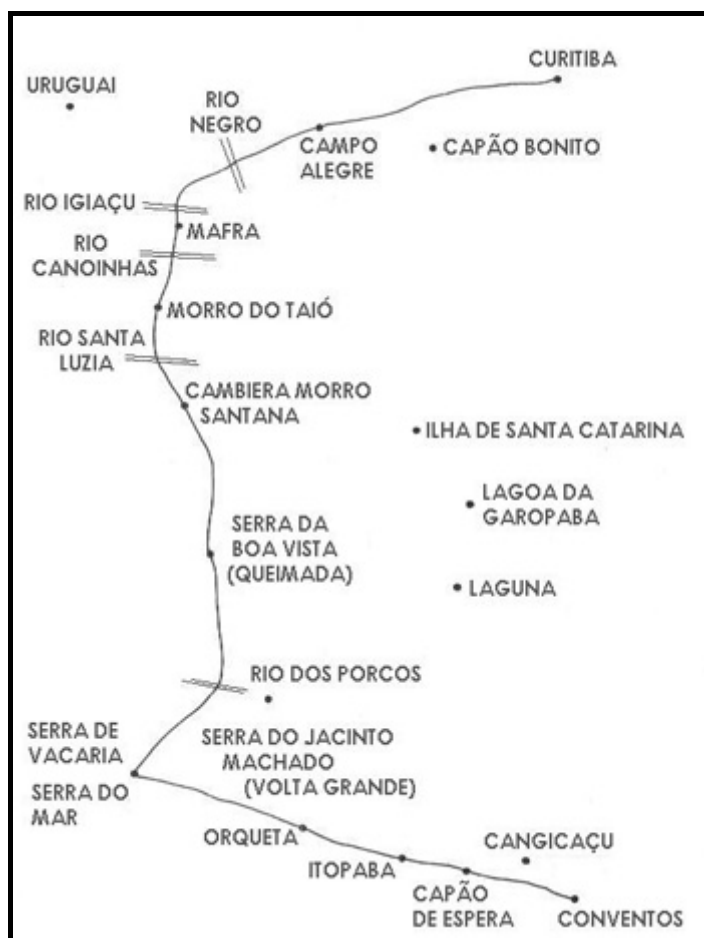
dificuldades que os mesmos enfrentavam para chegar aos locais destinados ao pernoite onde se estabeleciam negociantes, que construíam algum cercado para alugá-lo ao tropeiro, para que os animais pudessem passar a noite sem perigo de se desgarrarem da tropa.

Com o correr do tempo estas povoações e locais vão se modificando, analisa o Profº Ruy Christovam Wachowiez:

... esses poucos vão aumentando e recebendo sempre novos moradores, como ferreiros, arreadores simples empregados..., porém ativa população, proporcionava toda a assistência ao tropeiro e à sua tropa, fornecendo palha picada, milho, sal, feno... Hoje, esses antigos pousos são cidades. Tal é a origem de Rio Negro, onde se localizava a barreira (posto fiscal) que arrecadava os impostos devidos, Lapa, Palmeira, Ponta Grossa, Castro, Piraí do Sul, Jaguariaíva.³

Portanto, foi através desses caminhos de grande importância, que pôde-se fazer uma ligação entre Rio Grande do Sul com São Paulo, pelo interior. Analisando o mapa, verifica-se que caminhos de tropas do século XVIII – XIX, e a existência da Estrada de Matos proporcionaram grandes lucros para Curitiba. Isso se deve ao fato de a mesma estar situada no entroncamento de duas rotas, sendo visitada freqüentemente pelos tropeiros dessa estrada, que lhe estimulavam o comércio.

³ IDEM.



Mapa do caminho das tropas séc. XVIII.

No mapa pode-se notar que não somente Curitiba recebe um destaque no entroncamento, mas Santa Catarina também desbravou dois caminhos pelas tropas e tropeiros fazendo fronteira com Paraná e o Rio Grande do Sul.

Sachet⁴ comenta sobre as pousadas para tropas e tropeiros, em Santa Catarina na metade do século XVIII, quando o planalto foi povoado. Já o litoral foi resultado de ocupações, de vicentistas vindos do sudeste no séc XVIII e açorianos no séc XVIII. Posteriormente os imigrantes europeus adquiriram terras a oeste das áreas litorâneas para produção agrícola. Sendo que no planalto Central da Serra, os terrenos não apresentavam solo propício para trabalhos agrícolas. “As imensas pastagens naturais obrigavam a substituição do manejo da terra pela convivência

⁴ SACHET, Celestino e Sérgio. **História de Santa Catarina: O Contestado**. Florianópolis: Século Catarinense. 2001. 352p.

com o gado. Esse mesmo gado resultará na produção do imenso estoque de carnes nas vacarias do Rio Grande do Sul”.⁵

Portanto, seria mais fácil transportar o gado pelo transporte marítimo. Porém nesta época os riscos aumentavam devido aos naufrágios e piratarias além de outros problemas. A questão era: Como alimentar os animais? Com tantas dificuldades a serem superadas, resolveu-se adotar o exemplo de Álvaro Nunêz Cabeza de Vaca, analisa Sachet:

... deslocando-se o pé entre o porto de São Francisco do Sul e a Capital, do Paraguai. Dessa maneira, os próprios animais do Rio Grande do Sul se deslocam ao local de comum através do “caminho das tropas” também chamado Estrada Real ou Caminho do Sul, que liga Vacaria, os Campos de Lages e da Estiva com as cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro. Dezenas de povoados e de cidades do planalto catarinense resultam um descanso das tropas e dos tropeiros.⁶

Com o caminho das tropas, formou-se um longo curso de fazendas de invernada e criação, locais de importância fundamental ao repouso e engorda do gado extenuado pelas longas jornadas, o que acabou por transformar esta região em fronteira de expansão da pecuária paranaense e gaúcha.

⁵ SACHET, Celestino e Sérgio. *História de Santa Catarina. O Contestado*. Ed. Século Catarinense. Florianópolis. 2001.p.9.

⁶ IDEM.p.10.

ARARANGUÁ CAMINHO DOS CONVENTOS

A História de Araranguá teve mais de uma compreensão ao longo do tempo. Já foi identificada com a experiência vivida, ou seja, com o que aconteceu no passado, com os fatos e os acontecimentos de uma temporalidade já transcorrida. A estratégica situação geográfica serviu, desde os primórdios, como grande referência aos aventureiros que seguiam pelo seu litoral em direção ao Rio Grande do Sul.

Segundo Hobold, desde meados do século XV, estas terras não passavam de simples corredor, caminho aberto pelas seguidas diligências lideradas por militares, tropeiros, colonizadores e outros que, denominados desbravadores, capturavam e comercializavam índios e escravos⁷. Missionários e emissários da corte e do Presidente da Província, também percorriam estes caminhos, que, além do litoral aberto, ofereciam, na abertura da foz do rio, uma tentadora visão da única estrada para o interior da desconhecida região. Como afirma Hobold, os primeiros grupos humanos instalaram-se no Morro dos Conventos perto da foz do Rio Araranguá, como ilustra o texto:

... Dada a excelência de navegabilidade interiorana que representava o Rio Araranguá, na época dos primeiros colonizadores aventureiros, vindos de Laguna, presume-se evidentemente que ambas as margens do rio fossem exploradas pelos mesmos para os suprimentos e coletas de madeiras de lei, encontrando-se aqui ou lá chocar de ramagens, para pouso eventual dos caçadores e madeireiros. No entanto, fator mais preponderante de permanência e fixação de um módulo populacional se localizaria à margem direita do Rio Araranguá, numa distância aproximada de 20 km acima de sua desembocadura, por via aquática, onde se constituía denominado pouso Capão da Espera.⁸

Porém, mais tarde, a população foi se fixando à margem esquerda do rio. Em função da inconfundível barra do piscoso Rio Araranguá e da necessidade da

⁷ HOBOLD, Paulo. *A História de Araranguá*; Complementada e Atualizada por Alexandre Rocha. Araranguá. 2004. p.81.

⁸ IDEM.

abertura de novas estradas, a terra passou a ser não somente passagem, mas também paragem. Surgiam, assim, as primeiras casinhas, feitas de madeira tosca e cobertas de palhas. Outras, até instaladas como ponto de pousada, ou pequeno comércio de gênero que pudessem suprir as necessidades imediatas dos viajantes. Francisco de Souza Faria, relata ao Padre Diogo Soares, como foi feita abertura da Estrada, onde Hobold da ênfase aos tópicos mais importantes.

Francisco de Souza Faria, quando em porto do Rio Grande, relata como era de prescrição regia anos mais tarde, um memorial denominado “Notícia” – datado de 21 de fevereiro de 1738 e dirigido ao Padre Diogo Soares. (...) saindo de Laguna marchei com toda tropa pela praia a buscar o Rio Araranguá, e nele o sítio a que chamam os Conventos, distantes de Laguna, e ao Sul dela pouco mais de 15 léguas (...) dei princípio ao caminho rompendo mato fechado, e dando a pouco mais de uma légua com um pântano, que teria meia légua de largo, em que foi possível fazer-lhe uma estiva para podermos passar. Passando ele, dei quase a meia légua com um grande ribeirão que deságua no Araranguá, se chama Cangicaçu, e braça e meia de Largo. Passando o Cangicaçu busquei logo a margem do Rio Araranguá, e seguindo-a passei nela vários córregos e ribeiros fazendo em uns pontos, e desbarrancando em outros para poder passar. Chegando no lugar que chamam as Itapabas passei o Rio Araranguá, (...) cortadas de vários córregos, e rios.⁹

Portanto, dos poucos relatos, documentos existentes do século XVIII, esse memorial denominado “Notícia” foi, e é de suma importância para os pesquisadores, historiadores que buscam saber como Araranguá marcou presença efetiva e prática na história do Brasil. E ao cantar o Hino oficial de Araranguá, uma estrofe deixa claro sua história com as tropas e tropeiros.

Antes de ser conhecida como a cidade larga das Avenidas, Araranguá foi batizada pelos tropeiros do planalto serrano, de Capão de Espera. Devido essa região, no século XVIII, ter um amplo capão, favorecendo o encontro de tropeiros que conduziam as tropas de gado para o litoral catarinense, servindo de encontro para informar as condições de tráfego da Serra gaúcha e das praias, dependendo do destino que o gado receberia e foi através desse ponto de encontro, que esses,

⁹ IDEM.P.76

viajantes com seus animais, abrigavam-se e descansavam nesse capão. As viagens da época eram longas e cansativas, dependiam do trote dos animais, levando-os a procurar um lugar seguro para descansar.

Com o passar dos tempos, Capão de Espera foi mudando sua paisagem com a derrubada do mato por aqueles intencionados a fundarem um pequeno povoado. E assim, ao sul iniciaram a construção de uma pequena capelinha com pranchões de madeira do próprio mato.

OS NATIVOS: TAMBÉM FIZERAM HISTÓRIA EM ARARANGUÁ

Araranguá como outras cidades, não teve a predominância de um único grupo étnico. Sabe-se que antes dos tropeiros, provavelmente existiam vários povoados indígenas. Portanto o povoamento inicial de Araranguá iniciou-se com milhares de indígenas de diversas culturas. Inevitavelmente, os primeiros imigrantes tiveram o prazer de conhecê-los. Devido às repreensões que os índios sofreram e a falta de conhecimento da língua, não foi possível encontrar registro nítidos dos primeiros contatos e trocas de culturais entre esses habitantes.

A ocupação do espaço geográfico de Santa Catarina por povos ocidentais foi precedida sucessivamente por diversos grupos indígenas, sendo a última a dos Carijós.

Os índios Carijós viviam no litoral e foram os primeiros a entrar em contato com os “brancos”. Praticavam agricultura e a pesca, cultivando a mandioca que era a base de sua alimentação.

Com o povoamento das terras catarinenses nasceram os conflitos entre brancos e índios. Os brancos formavam as chamadas tropas de bugreiros e atacavam os índios com armas de fogo. As tropas de 10 a 15 homens que invadiam as aldeias durante a noite, enquanto os nativos dormiam.

Segundo Santos, a ação dos “bugreiros”¹⁰, no estado de Santa Catarina, na medida em que as frentes de alemães e italianos foram avançando para o interior, encurralando os indígenas, o confronto tornou-se inevitável, surgindo assim a figura do bugreiro, indivíduo especializado em atacar e exterminar os nativos, contratado

¹⁰ SANTOS, Silvio Coelho dos. *Índios e Brancos no Sul do Brasil – A dramática experiência dos Xokleng*. Florianópolis. Edene. 1973. p.83-84.

pelos colonos imigrantes e pelo governo provincial. Os bugreiros especializaram-se em ataques surpresa, arrasavam as aldeias não dando aos indígenas, chance de resistência. A maioria era aparentada entre prestar serviços às colônias e seus habitantes. Também os viajantes, tropeiros e agrimensores utilizavam-se constantemente dessas tropas para sua proteção quando necessitavam atravessar ou permanecer em território onde a presença indígena era freqüente.

Quando os bugreiros eram chamados por colonos, pelos administradores das colônias ou pelo governo para realizarem expedições de afugentamento do selvagem, eles se preparavam verdadeiramente para um expedição de guerra. Eduardo Hoenham, em relatório apresentado ao serviço de Proteção aos Índios, assim os descreve:

Infinitas precauções tornam, pois é preciso surpreender os índios nos seus ranchos quando entregues ao sono. Não levam cães. Seguem a picada dos índios, descobrem os ranchos e, sem conversarem, sem fumarem, aguardam a hora propícia. É quando o dia está para nascer está para nascer que dão o assalto. O primeiro cuidado é cortar as cordas dos arcos. Depois praticam o morticínio. Compreende-se que os índios acordados a tiros e a facão nem procuram defender-se, a toda atrocidade dos assaltantes consiste em cortar carne inerte de homens acobardados pela surpresa. Depois das batidas dividem-se os despojos que são vendidos a quem der mais, entre eles os troféus de combate e as crianças apresadas.¹¹

Foram muitas as atrocidades e discriminação que sofreu esse povo, em nosso país e também na região Sul do Brasil. Atualmente, no estado de Santa Catarina, encontram-se parques e reservas, onde os nativos tentam preservar seus costumes e tradições. Depois de tantas perdas de terras e vidas humanas. A sociedade busca atendê-los com um pouco mais de respeito, embora saibamos que muitos descendentes e até nativos estão sem amparo social.

Segundo a estatística do IBEGE, existem reservas em Ibirama, no Alto Vale do Itajaí, onde vivem os índios da tribo Xokleng. No município de Xanxerê, há a

¹¹ IDEM.

reserva dos Kaingangs".¹² Entretanto, ainda encontram-se muitos desses povos nas ruas das cidades, perambulando e vivendo em condições precárias e degradantes. Parece-nos hipocrisia lembrá-los somente em épocas festivas do Brasil.

Embora a marca da presença indígena, seja válida, comparada com as alterações que outros elementos propiciaram ao vale, eles marcaram os traços e padrões culturais do povo araranguaense.

Alguns moradores mais antigos procuraram passar para seus descendentes relatos de que os índios sofreram muito nas mãos dos bandeirantes entre os séculos XVII e XVIII, vindos de São Paulo. Milhares desses nativos perderam suas vidas. Na região sul, entre os séculos XIX e XX esses caçadores conhecidos bugreiros, fizeram inúmeras chacinas contra agrupamentos indígenas.

Em pesquisa com os moradores do Vale do Araranguá, Pe. João Dall'Alba conseguiu reunir depoimentos que descrevem a presença dos indígenas na região. Um de seus entrevistados Manuel Antônio Francisco, em 1986, relata:

Os velhos contavam que tinha índios nos morros de Maracajá e no Costão. A mãe de minha esposa foi uma que se fechou em casa e os índios arrodiam uma noite inteira... Era dos Rocha. O avô Mane, Berto Rocha, ia no mato, livrara uma moça branca que os bugres prendiam. Às vezes matava bugres, uma vez trouxe um caszinho de bugres que foram criados aqui na cidade. Quase o ofício dele era daquele, caçadas, tirar os brancos das mãos dos bugres... Era nosso primo.¹³

Nesta entrevista, observa-se que os nativos daquela época eram tratados como animais em fúria. Mas o homem sabe, que para toda ação, haverá uma reação. Ainda hoje com tantas notícias, a luta pela sobrevivência dos índios é vista por muitos, com desprezo total e falta de respeito.

Manuel Antônio Francisco, segue contando outro acontecimento. Certo dia uma vizinha sua, a qual o mesmo não quis identificar, pegou uma bugrinha para

¹² IBEGE

¹³ DALL'ALBA, João Leonir. *História do Grande Araranguá*. Araranguá. Orion.1997. p.203.

criar. Neste relato pôde-se notar a reação da pequena índia, contra os brancos pelo crime que cometeram com sua família:

... Foi no acampamento, matou os velhos e da pequeninha, ficou com dó, e trouxe para casa. Criou. Já estava uma moça. Um dia foi passear com a mulher e levou os dois menores, deixando a bugra e a outra filha em casa... Ainda longe de casa perceberam um cheiro de carne assando, mais de uma carne ruim. Quando chegaram, a bugra que eles criaram tinha matado a menina e estava comendo assada.¹⁴

Este relato provoca-nos um mal estar, não bem interpretado julga-se os bugres (índios) assassinos e canibais. Por mais que o tempo passe, ainda no século XXI, existem pessoas que buscam julgá-los como incapazes dificilmente encontram-se relatos elogiando ou agradecendo os nativos por legarem tanto conhecimento sobre a terra à civilização branca.

E nesta região ocorreram muitos crimes, violências sexuais, resultando deste feito um processo de miscigenação. Nestes atos violentos, outro povo que sofreu e ainda é discriminado perante a sociedade, são os negros. Duas etnias injustiçadas, mas que lutam para sobreviver num mundo desigual, onde ambos pertencem e têm direitos garantidos por lei que não são respeitados. Os órgãos competentes estão cometendo os mesmos erros do passado, não dando a devida importância a estes povos que tanto tem contribuído na formação de nossa cultura, através dos artefatos deixados por eles e que podem ser estudados para revelar um pouco mais das histórias dos primeiros povoados de Araranguá, já que estes artefatos pertencem a nossa história e a nossa gente.

Ainda hoje, reconhece-se a fisionomia indígena em numerosos indivíduos, nas cidades costeiras do Estado, prova de que o ancestral Carijó, não desapareceu de todo. Mesclando o seu sangue com o do luso, tornam-se coeficientes étnicos de formação do povo brasileiro.

¹⁴ IDEM.

ARARANGUÁ: NOSSA HISTÓRIA, NOSSA GENTE

O Brasil é um país enorme, com muitas histórias a serem contadas, estudadas e pesquisadas. Santa Catarina é um estado brasileiro pertencente à região sul a qual conta com três estados, sendo o nosso, o menor dos três e nem por isso o menos importante. Santa Catarina construiu e constrói a cada dia sua própria história.

E, este pequeno estado, é composto por várias cidades, mas uma em especial, me chamou atenção. Sou filha desta terra, onde se sabe que existem muitas histórias perdidas no tempo, algumas delas esquecidas no baú da memória, outras permanecem vivas por serem heranças contadas em noites frias, ao redor da fogueira, debaixo das laranjeiras, são as lembranças da infância as quais o tempo não consegue apagar, os pais contam aos filhos, os filhos aos netos, bisnetos, vizinhos, estudiosos, pesquisadores e historiadores. Infelizmente, existe pouca historiografia de Araranguá, que fale do início da povoação, do progresso desta cidade.

Ana Brancher, pertence ao grupo de pessoas preocupadas em registrar aspectos da história de Santa Catarina:

... a história, tradicionalmente, não tem ficado longe destas relações. Nossa historiografia, em geral, tem iniciado seus relatos com os primeiros núcleos de ocupação estáveis do litoral no século XVII. Nossa Senhora da Graça do Rio São Francisco, Nossa Senhora do Desterro e Santo Antônio dos Anjos da Laguna – as chamadas funções litorâneas. (...) Nossa evolução histórica parte do litoral para o interior, segue-se, por exemplo, a chegada dos açorianos e a criação de Lages no século XVIII, a formação das colônias de imigrantes italianos e alemães no século XIX, que deu origem as cidades como Blumenau. Porém, a idade de civilização continua a combinar com a formação urbana era o prédio da igreja e do paço municipal em volta de uma praça e estava montando o embrião da cidade, a organização da existência sob o jugo do poder temporal e espiritual.¹⁵

¹⁵ BITENCONT, João Batista. *História de Santa Catarina*. Org. Ana Brancher. 2 ed. p.27.

A imigração da família açoriana para o litoral catarinense, principalmente, para Nossa Senhora do Desterro, aconteceu em 1748. Estes imigrantes espalharam-se para dois pontos do nosso litoral. Norte e Sul do Estado com maior destaque para Santo Antônio dos Anjos de Laguna. A partir desses acontecimentos, o litoral, começa a receber a presença dos açorianos, passando a influenciar na nossa cultura e tradições.

A população açoriana continua lutando para que permaneça viva sua cultura, contando com os avanços tecnológicos. Farias da ênfase à importância cultural dos açorianos nos dias atuais:

O artesanato de referência cultural, o folclore, a gastronomia, o processos produtivos tradicionais, a religiosidade, a arquitetura, enfim, “o saber ser e o saber fazer dos descendentes dos açorianos, está sendo valorizado e revitalizado numa época em que a globalização exige das regiões envolvidas identidades culturais fortes para que sejam respeitadas enquanto individualidades. A cultura de base açoriana do litoral catarinense está sendo esta força aglutinadora do regionalismo cultural litorâneo catarinense, tanto no contexto nacional, como no do Mercosul, provando mais uma vez que desperta o orgulho cultural de um povo, mexendo com suas raízes, tem o poder de gerar uma revolução silenciosa, lenta, mas consistente.”¹⁶

E, essas tradições permanecem vivas, em pleno século XXI, os catarinenses contam com um grande acervo cultural. A região que abrigou povos de diferentes etnias e nacionalidades, que contribuíram com seu trabalho para fazer de nosso estado o que ele é hoje, orgulha-se em ter uma cultura rica e variada.

Uma destas localidades é a comunidade de Hercílio Luz e Ilhas que possuem diversas características açorianas em sua cultura, destacando-se a pesca o artesanato, a culinária, a diversão e a religião.¹⁷

Dois séculos se passaram após a vinda dos imigrantes europeus, povo que determinou a nossa organização política, a língua, a religião predominante, os hábitos alimentares, nosso modo de vestir, usos e costumes.

¹⁶ IDEM.

¹⁷ FARIAS, Vilson Francisco de. *Dos Açores ao Brasil meridional: uma viagem no tempo: 500 anos*. 2 ed. Florianópolis.2000.p.316.

Portanto, o litoral catarinense iniciou-se com predominância do povo açoriano. Segundo Hobold ocorreram três núcleos de açorianos e a cidade de Araranguá estaria entre eles, analisado por Farias:

... a fixação gradativa dos açorianos no litoral catarinense em mais dois estágios, a saber, núcleo secundário e núcleo terciário. Os núcleos secundários, em que se incluem Araranguá e diversas outras vilas mais antigas, ocorreram entre 1760 e 1880, sendo resultado natural da ocupação de novas terras e crescimento populacional da região. Já os núcleos terciários, ocorreriam desde 1882, à fixação de descendentes em diversas freguesias e povoações.¹⁸

Nesta época, Araranguá já era referência conhecida e aos poucos, também recebeu descendentes destes imigrantes, que ajudaram a formar as primeiras sementes familiares e a implementar uma cultura própria, que somada às de outros colonizadores forjaram a base cultural araranguaense.

De acordo com Hobold a partir de 1850, imigrantes europeus adentraram ao território de Laguna, margeando o núcleo de Campinas (atual Araranguá). Os imigrantes, sobretudo italianos, contribuíram não apenas com novas especificidades de produção agrícola, como inseriram e diversificaram as técnicas e os produtos cultivados, fortalecendo a urbanização incipiente dos pequenos núcleos, afastando-se progressivamente dos domínios de Laguna.

Para o autor, com a chegada de imigrantes ocorreu uma maior especialização e diversificação da produção, e a agricultura do sul catarinense ganhou novo impulso. Os egressos europeus dinamizaram o setor agrícola, sobretudo pelas exigências no aumento da demanda local de alimentos, manufaturas e serviços. Os imigrantes foram responsáveis pelo aperfeiçoamento nos modos de produzir, tornando o uso do solo mais intenso e ampliando o volume de excedentes que foram sendo colocados no mercado.

¹⁸ HOBOLD, Paulo. *A história de Araranguá Complementado e atualizada* Alexandre Rocha. Araranguá: [S.M], 2005. p.128.

Portanto, a entrada de novos grupos de imigrantes europeus após 1850, contribuiu para a configuração de uma fisionomia urbana diferenciada nas áreas de povoamento antecessora. A nova fisionomia urbana surgiu a partir da foz dos rios, expandindo-se ao longo dos seus cursos e obedecendo aos traçados das vias de colonização.

De acordo com Hobold a elevação de Araranguá à categoria de município, só ocorreu em 1880, após o movimento emancipatório iniciado em 1878 reivindicando sua criação. O nome atual substituiu então a denominação anterior Sul Catarinense, estendendo-se desde Urussanga, acompanhando o rio do mesmo nome até o Oceano Atlântico, a oeste a Serra Geral, e ao Sul, o Rio Mampituba que delimita divisa entre os Estados de Santa Catarina e o Rio Grande do Sul.

No final do século XIX, a vila de Araranguá recebe um plano de ordenamento territorial, que coube ao engenheiro Mesquita, em 1886. Já nas primeiras décadas do século XX, apresentou acelerada expansão de sua sede urbana, a medida em que novas atividades passavam a compor suas funções locais e foi a partir de 1921, que a sede municipal foi elevada à categoria de cidade.

Passou-se mais de um século, para ser reconhecida a obra, de Mesquita, juntamente com outras pessoas que apoiavam as idéias. Juntos planejaram o futuro urbano de Araranguá.

Para entender melhor o projeto urbano de Araranguá, observa-se os destaques da conclusão que faz a professora Margareth Afeche Pimenta, do Departamento de Arquitetura e Urbanismo – UFSC, no documento. Araranguá Expansão e Plano Urbano de 1998:

Neste documento, para o alcance das informações necessárias, as pesquisadoras sugerem montar a cidade de Araranguá de trás para frente e analisar como as forças das idéias estruturais contidas no plano se compuseram com a tradição das cidades coloniais. Observamos, que ao iniciar sua trajetória de autonomia, Araranguá caminhou timidamente em

busca de uma estrutura para o seu desenvolvimento. Somente no limiar do século XX e posteriormente, após a segunda metade do século, a cidade trava suas próprias disputas por uma identificação econômica e assiste as interferências na sua, então como da lógica de expansão urbana (...). os sucessivos processos econômicos alteraram, durante muito tempo a morfologia urbana para, talvez hoje, prefeitura e órgãos planejadores buscarem a reconciliação entre a história do plano urbano e crescimento especulativo do solo.¹⁹

Este projeto vem atender as primeiras famílias e seus descendentes europeus, que vieram a procura de terras no Sul do Estado. Algumas localidades receberam imigrantes de diversas etnias, inclusive Araranguá. No núcleo Criciúma, fixaram-se grupos de italianos, alemães e poloneses. Outras famílias seguiram um pouco mais tarde para núcleos em Turvo e região, como italianos e alemães.

Todo este potencial migratório, somado ao que antes já se havia instalado na região, originado de famílias caboclas, negras, indígenas com suas heranças culturais, religiosas, folclóricas, foram constituindo nosso patrimônio cultural tão diversificada quanto o do nosso Estado.

¹⁹ IDEM. P.138

CIDADE COMO DESAFIO: UTOPIAS, PROJETOS E INTERVENÇÕES

Que a cidade de Araranguá crescera, diversificara-se, tornara-se complexa ao longo do tempo, não se discute. Os traços desses processos foram deixando marcas no espaço, redesenhado o traçado urbano e deixando vestígios materiais que retrataram uma história não-verbal da mudança. Paralelamente, os textos que falam do urbano, sejam eles oficiais ou dos usuários da cidade, expressam, por sua vez, expectativas, projetos e inquietações sobre transformação do município.

A cidade é, por excelência, um objeto de múltiplos olhares, escritas e leituras, que traduzem, por sua vez, uma pluralidade de saberes e sensibilidades sobre o fenômeno urbano. Ou seja, a mudança do presente, apagou a experiência das sociedades passadas do pacato vilarejo de outrora. “Alguns lugares em outros tempos conhecidos, por certos nomes, são hoje quase desconhecidos, ou talvez esquecidos por haver desaparecido aquilo que seria o motivo de tais designações”.²⁰

Diante desse fato, o trabalho a partir de agora dará ênfase as primeiras comunidades povoadas, onde fazem parte do atual município de Araranguá, pois o peso rural se impõe mais uma vez, como uma barreira ou um pólo de atração à sensibilidade de parnasianos e simbolistas, fazendo com que os temas urbanos não sejam a preocupação central dos pesquisadores da época, nem que a cidade seja a inspiração suprema, despertando a sensibilidade dos supostos privilegiados espectadores do urbe.

Por meio de entrevistas orais com alguns moradores, contemplaremos experiências vivenciadas por sujeitos comuns, história construída por todos homens

²⁰ CORUJA Antônio Álvares Pereira. *Antigualhas; renuniscências de Porto Alegre*. Porto Alegre: ERUS. 1983. p.30.

e não somente por grandes heróis privilegiados pela história tradicional e factual. Para dar conta disso, recorremos a Peter Burke e adotamos o seu conceito de história vista de baixo, que segundo ele é de grande importância para os historiadores. “Ela proporciona também um meio para reintegrar sua história aos grupos sociais que podem ter pensado tê-la perdida ou que nem tinham conhecimentos da existência de sua história”.²¹

Sabe-se que mergulhada num tempo distante, tornou-se quase impossível, devido a fragmentação da história tão pouco nítida na lembrança dos que ficaram e infelizmente enterrada junto aos que partiram. “Foram-se séculos e décadas, e com eles vidas se apagaram no cerrar das cortinas do próprio tempo”.

Alguns moradores localizados no distrito, Hercílio Luz, contribuíram com algumas lembranças do início do povoamento de Araranguá. Hoje esse município, possui ainda dois distritos: o citado e da Sanga da Toca.

Busca-se dar enfoque o distrito de Hercílio Luz e suas comunidades, pois as mesmas possuem um contexto histórico riquíssimo, comentando como vivia a primeira população de araranguaenses. Procurando destacar suas tradições e costumes. Se ao que ainda resistem aos avanços tecnológicos.

A obra de João Leonir Dall’Alba “A História de Araranguá”, se tornou referência à pesquisa, pois conta com inúmeras entrevistas redigidas na década de 1980 com moradores do grande Araranguá do século XIX. Muitos deles partiram deixando como herança para os cidadãos araranguaenses, seus relatos. A partir desses relatos procuraremos observar, como se iniciam o povoamento da cidade e seus progressos neste distrito. O material iconográfico como as fotografias. Far-se-ão presentes enriquecendo e dando ênfase à pesquisa.

²¹ BURKE, Peter. *A escrita da História*, São Paulo: UNESP.1992.p.59.

Cada geração tem sua cidade, a memória rema contra a maré, o meio urbano afasta as pessoas que já não se visitam, faltam os companheiros que sustentavam as lembranças e já se dispersaram. Daí a importância da coletividade no suporte da memória. Quando as vozes das testemunhas se dispersam, se apagam, nós ficamos sem guia para percorrer os caminhos da nossa história mais recente, quem nos conduzirá em suas bifurcações e atalhos? Fica-nos a história oficial em vez de envolvente trama a nossa frente só nos resta virar a página de um livro, unívoco testemunho do passado.

Escutando muitos depoimentos, percebemos que os bairros têm não só uma fisionomia, como também uma biografia. O bairro tem sua infância, juventude e senilidade.

As histórias de vida, muitas vezes decorrem em sobrados de pequena classe média que não merece tombamento porque lá não morou nenhum barão, mas foram adquiridas com prestações custosas, privações sem fim, que resultaram nessas casas adoráveis que conhecemos.

Nas palavras do ex-prefeito Walter Belinzoni, “Araranguá tem futuro” colocadas em 1986, era isso que se esperava de Araranguá, embora hoje escuta-se muito a frase de que Araranguá é a cidade “do já teve”. Pois vemos serem demolidos muitos monumentos históricos de Araranguá, assim como também fecham-se muitas de suas empresas as quais geram muitos empregos para o povo de Araranguá. Comumente encontramos uma construção centenária sendo demolida e da forma como é desconsiderado, desprende-se o desconhecimento de seu valor para a história da sociedade araranguaense, que assim reflete bem sua

mentalidade oportunista nas decisões de caráter social”²². Aqui Everaldo Scaini fez referência a perda de monumentos históricos de Araranguá.

Quando nos reportamos à algumas décadas atrás, percebemos então que Araranguá é a cidade do “já teve”. Já teve várias fábricas de calçados.

Em face da barra do Rio Araranguá não ter oferecido segurança, o ramal férreo com a junção do Sul, com o porto de Laguna e Imbituba, foi desativado.

Cine Roxy em 1999, a chave do nosso velho cinema é entregue a um desconhecido. Vendido. Araranguá não terá mais o cinema. O prédio está sendo usado para o comércio. Não podemos esquecer também do coreto, aquele que “abraçava” seus filhos quando estes após a missa dominical para lá fazer “hora”. “O que tem ocorrido, é que interesses comerciais, capitalistas demonstram-se inconciliáveis à preservação dos valores de caráter público, os quais não permitiram estabelecer vínculos com o passado, retomando a personalidade da sociedade”²³.

Em busca do moderno, muitas coisas se foram, deixando-nos vaga lembrança. Porém sabemos, que muitas coisas se perderam não porque foi inovado e modernizado, mas sim por falta de recursos ou até mesmo por falta de interesse político.

Por falta de interesse particular ou político, nossos valores culturais e econômicos foram se desfazendo no decorrer de alguns anos.

Não obstante a verdade é que, como Marx o vê, tudo o que a sociedade burguesa constrói é construído para ser posto abaixo. Tudo o que é sólido – das roupas sobre os nossos corpos dos teares e fábricas que as tecem, aos homens e mulheres que operam as máquinas, as casas e aos bairros onde vivem os trabalhadores, as firmas e corporações que os exploram, às vilas e as cidades, regiões inteiras até mesmo as nações que as envolvem. Tudo isso é feito para ser desfeito amanhã, despedaçado ou esfarelado, pulverizado ou dissolvido, afim de que possa ser reciclado ou substituído na semana seguinte e todo o processo para seguir, adiante, sempre, talvez para sempre, sob as formas cada vez mais lucrativas.²⁴

²² SCAINI, Everaldo. *Jornaleco*. Ano,06. nº2000.

²³ IDEM.

²⁴ BERMAN, Marshall. *Tudo que é Sólido Desmancha no ar. A aventura da Modernidade*. 9ª ed. São Paulo.1992.

É claro que se pensarmos em termo de modernidade, muita coisa realmente teria que se perder. O ciclo normal da maior parte das cidades é crescer, é se desenvolver, é adquirir cada vez mais espaço. No entanto, enquanto cidades vizinhas passam por isso, percebo que Araranguá perde espaço nesse sentido. A força política representada em Araranguá não foi e não é suficiente. Faltou talvez unanimidade e integridade política em muitos momentos em Araranguá. Se avaliarmos o que foi colocado por Berman, acima, a modernidade contribui para que as coisas sejam desmanchadas para serem recriadas, reconstruídas e renovadas, para que se possa crescer e se desenvolver sob formas mais lucrativas.

Bom, o que resta de nossas edificações antigas é muito pouco. Inconsciente ou consciente, o homem destrói, condenando a herança de um tempo e seus padrões humanos. Portanto, tem que haver uma preocupação maior com a população e o Distrito de Hercílio Luz, a comunidade vem promovendo movimentos com a intenção de se desligar do município de Araranguá, devido ao não atendimento de suas históricas reivindicações, por parte dos governantes. A idéia consiste em vincular a localidade ao Município de Maracajá ou Criciúma, que não possuem tradição pesqueira. Ao contrario Araranguá conta com outras comunidades que se dedicam à pesca, como Morro dos Conventos e cercanias, embora tenha perdido o Balneário Arroio do Silva, em 1995 quando este conseguiu sua emancipação.

Sendo essa reivindicação de desmembramento foi atendida, a comunidade do Hercílio Luz, estará levando com eles nossa história. Sabemos que Araranguá é hoje essa cidade de largas Avenidas, graças os primeiros habitantes do distrito, que lutaram para terem seus direitos de cidadãos. Essa história é transmitida por moradores que são descendentes dos primeiro povoado.

Alexandre Rocha descreve no periódico *Jornaleco*, dialogo entre um casal, que enfrentam muitas dificuldades com o difícil acesso para Laguna. Passando algumas décadas desde que se formou a povoação, anoitece por volta de 1815, numa pequena casinha situada próximo à barra, a mulher reclama ao marido:

... Oh meu Jesus abençoado! Quando é que aparece um padre nesta terra? Pedroso, eu não agüento mais. Eu preciso de missa, preciso me confessar Pedroso!

Marido – calmo Inácia! Tenho a notícia de que o bispo vai chegar em Laguna no mês que vem e vai passar por aqui em direção ao Rio Grande. Com muita fé, vamos pedir a ele que mande ordem de construir a capela. Guarda a reza e a confissão Inácia. Se Deus quiser nos vamos fazer a capela.²⁵

O milagre esperado por esse casal não demorou muito. Um mês após o diálogo, chega à região o Bispo com um pequeno grupo. A viagem de Dom José da Silva Coutinho, pelo litoral catarinense, chega em Araranguá. A analisar o mapa observa que está em Laguna e comenta:

Hum! Deixe-me ver... onde estamos... Ah sim, sim! Estamos já bem ao sul e esta parte de Laguna já é o Araranguá. Aquele monte adiante deve ser o rochedo dos Conventos e ali o rio. Meu Deus, o lugar é lindo, mas que aflição vive esta gente, tão distante de tudo e de todos...!²⁶

Esse lugar lindo, hoje é um dos pontos turístico de Araranguá, sendo agora o único Balneário da cidade tão populosa. O bispo descreve sua passagem pelo pequeno povoado e a decisão de criar a capela.

Na passagem por Araranguá tem que a tempestade de vento e chuva me levasse com cavalo e tudo. Tive logo que buscar um pouso, de tanta chuva e vento que enfrentei. Desde Lagoinha até pouco além da barra, devem viver por aqui umas 400 almas, todas ansiosas por uma capelinha. Já possuem até doação do terreno no melhor lugar. Darei o despacho assim que chegar a Laguna.²⁷

Por volta de 1816, o Bispo autoriza a criação da capela. A construção ficou ao encargo dos moradores, autorizados a iniciar a campanha de arrecadação, todas as famílias se uniam em grande mutirão para angariar material, que precisava ser

²⁵ ROCHA, Alexandre. *A primeira Capela. Araranguá Memória*. *Jornaleco*. Araranguá. 1ª/08/2003.185.p.4

²⁶ IDEM

²⁷ IDEM.

quase todo, trazido de fora. Segundo Alexandre Rocha, os mais abastados foram logo se prontificando e o negociante Domingos Antônio, arrematante dos direitos da passagem do rio, foi o maior colaborador sendo então homenageado com a escolha do orago dedicado a São Domingos. Após reunir parte do material, carpinteiro e pedreiros começaram a trabalhar ajudados por voluntários, fiéis que estavam realizando o sonho comum de todos, ter uma capelinha, principalmente daqueles primeiros casais, o sonho de Dona Inácia. Bom, os moradores tiveram que esperar alguns anos, para admirar a capelinha tão sonhada.

A criação de uma capela era de grande importância para formação de uma vila. A partir dessa pequena construção, aumenta sensivelmente a população do lugar. Este foi o primeiro passo em direção a criação de uma freguesia em Araranguá. Deixando claro que o centro atual da cidade, não havia moradores. Em Cangicas antigo nome de Hercílio Luz, inicia-se a formação de um núcleo, populacional contando a partir de 1816 com auxílio regional, somente uns quarenta anos após é que uma outra capelinha seria construída onde hoje é o Jardim da Praça Hercílio Luz.



Foto: Acervo do Centro Cultural de Araranguá. A primeira Capela construída durante o período aproximadamente do século XIX.

Essa pequena capela ficou em pé até século 20, hoje o que resta é uma fotografia danificada com o tempo, esta se encontra no acervo fotográfico do Centro Cultural de Araranguá.

Infelizmente, muitas outras capelinhas carregadas de referências de um povo, deveriam ser preservadas, ainda que outras necessariamente devessem ser construídas. Não é o que acontece e dezenas delas já viraram pó, desaparecendo da paisagem, e junto com elas as marcas da história que cada uma trazia.

Essas primeiras capelas ficaram responsáveis, pelos registros. Mas Araranguá contava somente com uma capela, que era em Cangicas. Com o crescimento da população, o serviço aumenta, deixando de atender muitos moradores, a partir desse problema a comunidade sentia a necessidade de reivindicar, uma paróquia própria.

Com a criação da Freguesia (paróquia), a população pode contar com vários serviços, elementares aos cidadãos. Rocha relata a conversa de dois moradores, lembrando como era difícil quando não existia uma paróquia:

Morador: - Inácio, nós temos que registrar este menino. O moleque já tá pra cima do cabo da enxada e não recebeu nome no papel ainda! Desse jeito como ele vai se alista?

Moradora: - Quando for a Laguna também quero registrar a morte do falecido meu pai, da vovó Santa e de mais uns quatro que já morreram e tão por aí sem morte registrada.²⁸

Antes da criação da Freguesia Nossa Senhora Mãe dos Homens, muito ficaram sem serem registrados, inclusive os mortos. Quantos habitantes antigos, têm sua idade errada na certidão de nascimento, por levar muitos anos para serem registrados, quando os pais iam registrá-los, muitos não sabiam mais a idade do filho.

²⁸ ROCHA, Alexandre. Araranguá Memória. Jornaleco: A criação da Freguesia. Araranguá, 1 de Agosto de 2003. caderno 185, 28ap. p.4.

Portanto, em 04 de maio de 1848, esses problemas começaram aos poucos a serem resolvidos. O Presidente da Província de Santa Catarina, “Antero José Ferreira de Brito, criava, através da Lei nº 272, a Freguesia de Nossa Senhora Mãe dos Homens de Araranguá, equivalente a Paróquia, no âmbito da Igreja e a Distrito na esfera política, o que se deu alguns meses depois”.²⁹

A criação da paróquia significou, no sentido político a criação de um distrito, com avantajada “área territorial entre os rios Mampituba ao sul e Urussanga ao norte, o Oceano Atlântico a leste e limites com Rio Grande e a Serra a oeste”.³⁰ A sede definitiva esperou, no entanto, mais de seis meses por uma decisão, sendo nomeada uma comissão especial para este fim. Pouquíssimas eram as freguesias do Estado, ou da província de Santa Catarina, quando implantou-se a de Nossa Senhora Mãe dos Homens, a povoação de Canjicas e outras localidades: sentiram-se alegres, os benefícios seriam muitos. Mas essa felicidade durou pouco, quando eles ficaram sabendo que a sede mudaria de local.

Rocha procura descrever o descontentamento desses habitantes que tanto lutaram para criar uma paróquia em Cangicas, sentiam-se abandonados por Laguna, devido sua distância. A partir daí busca-se uma sede própria. Porém a construção da paróquia muda de lugar:

— Ah!... Vê se tem cabimento. “Lutemo” a vida inteira pelo Araranguá, agora na hora de criar a paróquia, eles “levo” lá pra não sei aonde!
E a Cangica, “come” que fica.
— A gente, que tava abandonado pela Laguna, agora tem que ir lá pra Campina. Ta tudo errado, ta errado... Isso é o código o digo mesmo... ta tudo errado!!!³¹

Observa-se que os moradores, não admitiam que nossa sede seria Campinas, ficaria rio acima a mais de duas léguas a oeste, por ocasião da criação

²⁹ IDEM.

³⁰ IDEM

³¹ ROCHA, Alexandre. Araranguá Memória. Cangicas reclama sua importância. Araranguá, 1 de setembro de 2003. caderno 187.p.4.

do Distrito. Por um bom tempo a velha capelinha, continuou recebendo seus fiéis. Sendo ela a única em toda a região e onde estava a maioria dos moradores. Em época de festa, surgiam manifestações irônicas “de que lá, sim lá, que deveria ter sido instalada a sede que um dia mereceria receber a graciosa imagem já encomendada da Mãe dos Homens”.³² E o falatório corria solto cada vez que algum ato religioso acontecia na pequena capela. Nada adiantou, “em setembro de 1848, o Padre João Matos da Cunha, natural do Pará, é designado para atender e dirigir interinamente a Freguesia, porém ainda sob jurisdição de Laguna”.³³ E, a maioria da população continuou a residir bem longe do novo local onde se ergueria a paróquia.

Há um ditado popular que os antigos moradores falam: - O tempo é o melhor remédio e alguns optam em mudar-se para nova vila. Aceitando a realidade, de que a paróquia não iria ser construída em Cangicas.

A comunidade de Ilhas fica situada na região Sul do Estado de Santa Catarina, na faixa litorânea, a poucos metros do nível do mar, e banhada pelo Rio Araranguá que em seguida desemboca no Oceano Atlântico.

Hobold transcreve que Ilhas foi fundada a “cerca de 200 anos, quando Hercílio Graciano, Manoel Angélico e Antônio Biguá, através de barcos se apossaram daquelas terras”.³⁴ Uma comunidade distante de 32 Km da cidade de Araranguá, com uma população da ordem de 1600 habitantes.

Outras lembranças podem ser lidas na obra escrita pelo João Leonir Dall’Alba em 1997, escritos que contam com testemunhos de muitas gerações de Araranguá. Não somente dos desbravadores, mas também dos nativos, homens que aqui viviam e foram vítimas de uma colonização que os excluiu.

³² IDEM.

³³ IDEM.

³⁴ HOBOLD, Paulo. *A História de Araranguá. Complementada*, Alexandre Rocha. Araranguá: [S.N], 2005. p.112.

Entre um desses entrevistados, encontra-se o Senhor Durval Francisco Pedroso, aos 84 anos, o qual busca em suas lembranças, acontecimentos e pessoas que já partiram, mas que deixaram fatos históricos relatados oralmente aos moradores da comunidade de Ilhas:

Os velhos moradores das Ilhas, pelos apelidos são: Berto Agrimpo, Francisco Laurindo, João Mello, Emercílio ou Fogaça. Falaram que havia caçadores de brugres ali pelo interior lembro que trouxéramos dois brugrinhos que ficaram no Araranguá, que conheci já rapazes.³⁵

Segundo Pedroso, o nome Ilhas, surgiu porque antigamente havia um braço de rio largo, onde mais tarde passou a correr pelo lado de fora. Sendo o antigo rio Araranguá. No povoado de Ilhas havia poucas casas, que eram feitas de pau-a-pique cobertas de palhas. As palhas eram do banhado ou do morro. O chão batido mas havia poucos com assoalho. As louças eram feitas de barro, panelas de barro e ferro, a gamela servia para lavar a louça.

A atividade econômica de Ilhas está representada pela pesca, além de seu grande atrativo que é a barra do rio Araranguá, que oferece o ponto mais procurado para a prática pesqueira, apesar de não ser totalmente explorada, pois somente nos meses de outubro e março alcança razoável profundidade tornando possível a travessia de pequenos barcos. As canoas eram feitas com própria madeira da localidade. Com passar do tempo busca-se no interior, madeira. As preferidas eram o cedro, garuva, canela-preta e loro, porque duravam mais. Hoje utilizam caíque.

A comunidade além de seu valor turístico, é um referencial importante em todo o litoral Sul Catarinense, por ser sediada Colônia Z-16, que abrange desde o Município de Içara até Araranguá. Pedrozo comenta quando surgiu a Colônia de Pesca:

... criada em 1922. Era a Colônia 14. Hoje é a Colônia 16. Trouxe diversas melhorias. Estabeleceu o viveiro e outras organizações. Viveiro era um trecho de rio em que não se pescava. Havia fiscais. O peixe ficava ali

³⁵ DALL'ALBA, João Leonir. *História do Grande Araranguá*. Araranguá. SC. Orion 1997.p.245.

alguns dias descansando. Aí vinha o sinal de pesca. Reuniam-se lá mais de duzentos pescadores. Cada um para si naquela época um pescava o tanto que quisesse e ainda ficava peixe na água. Um a um iam enchendo as canoas e vinham embora.³⁶

No tempo antigo, pescador se dedica somente à pesca. Havia pouco que trabalhavam na lavoura. Comunidade de cultura diversificada. “Aqui se fazia esteiras de junco, chapéus de palha. Conhecia aqui três teares, da minha avó, da irmã dela, e de uma família que veio do sítio. Algumas mulheres faziam rendas de bilros, havia costureiras, parteiras. A rede de pescador, eles mesmos faziam, gamela, canoas...”.³⁷

Pleno século XXI, os moradores sentem-se prejudicados, a comunidade de Ilhas, não tem um atendimento administrativo e nem um apoio econômico. Não somente Ilhas como distrito de Hercílio Luz (Cangicas), Barra Velha, Morro Agudo entre outros.

Na entrevista realizada no dia 03 de abril de 2006, com senhor Paumeide Antônio Pedroso, 66 anos, pertencente à comunidade de Ilhas, relata-nos suas lembranças, porém deixa claro o descaso que as comunidades locais vem sofrendo, pelos órgãos públicos.

Para Pedroso, poucos eram os moradores de Ilhas, quando surgiu como comunidade, “aqui havia no início aproximadamente 4 ou 5 casas. Pelo que contam, Ilhas surgiu então quando carregavam a farinha daqui do Município de Araranguá com barcos a vela e levavam para Florianópolis.

Parte dos imigrantes que aqui chegaram, vinham de lá para carregar a farinha daqui, foi aí então que começou o primeiro povoamento. Mais velha do que Araranguá é Ilhas, mas “Cangica” – Hercílio Luz também é velha.

Eu acredito que Araranguá surgiu devido seu desenvolvimento que cresceu com as indústrias de farinha e os imigrantes que aqui foram se concentrando por causa do plantio de mandioca, já que na época não se plantava outro tipo de cultura, como: milho, arroz, era só a mandioca. Então o transporte mais fácil para levar a farinha para eles era pela estrada já que aqui era tudo areia, mas Araranguá também era areia.

E era feito também pelo rio para chegar até Laguna e pela praia de carreta, de carro-de-boi. E para chegar na Barra Velha atravessavam-se três riosinhos chamados de: Braes, Boquete e o outro de Barrinha e assim iam até Laguna pela praia.³⁸

³⁶ IDEM.

³⁷ IBIDEM.

³⁸ PAUMEIDE, Antônio Pedroso. Entrevista realizada por Gisele Da-Soler Texeira em 03/04/2006.

Pedroso, ressalta ainda que Ilhas não desenvolveu-se tanto quanto devia pela falta de interesse das autoridades em investir na localidade, essa falta de atenção fez com que os moradores movimentassem um abaixo assinado para que Ilhas viesse a pertencer a Criciúma, já que a mesma não possui Balneário.

Eu até acho que Ilhas se desenvolveu muito porque quando eu era pequeno e dava enchente e que a barra ainda estava na Barra Velha nós andávamos de canoa e tomava banho aqui, portanto para mim Ilhas não se desenvolveu mais pela falta de interesse dos governantes, de darem mais atenção para o Arroio e porque não para Ilhas já que é mais antiga que o Arroio.

Devido a esse descaso nós já fizemos um abaixo assinado para Ilhas pertencer a Criciúma, já que o rumo onde se localiza, Ilhas pega Criciúma. Mas vocês vêem que nem aquele pedaço da Barra Velha que pega Criciúma eles não passam, porque vocês sabem? Que metade da Barra Velha pertence a Araranguá e a outra parte a Içara e que eles sofrem o mesmo descaso que o nosso balneário.³⁹

Nos relatos do senhor Paumeide, segundo ele a Revolução Federalista de 1893 atingiu Araranguá e mais precisamente Hercílio Luz e Ilhas, os fatos históricos que ficaram registrados na memória das pessoas daquela localidade, e jamais serão esquecidos, pois vêm sendo contados de pai para filho, pois acreditam na importância da história local e que não deve-se apagar no tempo.

Meu avô no tempo da guerra dos farrapos, ele foi preso e parou de carregar farinha, porque eles vieram lá do Rio Grande do Sul e acamparam no Morro dos Conventos, então o meu avô naquela época pescava e carregava farinha, e tomava conta de um barco e foi quando eles (soldados) chegaram perto dele e mandaram ele saltar do barco e levaram até o Morro dos Conventos e como ele cuidava de uma mãe doente e uma irmã cega ele era bravo e não parava de conversar, então o capitão ou comandante não sei o certo disse a ele: _ Que bom de matar esse homem! E ele disse: _ Você acha que um homem que cuida de uma mãe e de uma irmã cega, que trabalha num barco arriscando a vida daqui para Florianópolis carregando farinha, merece morrer? Quem é que vai cuidar delas? O comandante disse: Não, se você quiser ir conosco vai, se não pode ir embora.

E o meu pai contava ainda, que chegou uma noite dessas entrou um barco na Barra e ficou aqui enfrente à Ilha e quando escureceu ele foi para cima e foi quando se deu aquela “Carniça” ou “Matança”, eles carregavam e chegando ali enfrente ao Morro dos Conventos fizeram fogo e descarregavam outro bordo iam lá enfrente ao Danúbio, rabeavam e descarregavam o bordo e fez fogo à noite toda desse jeito, onde estava acampando aquele exército da turma dos Farrapos e dos Pica-Paus naquela guerra e quando chegou o clarão do dia, eles tinham matado tanta gente que foi feito valos e arriados os corpos dentro para enterrá-los. E a história que a gente conhece é essa de Ilhas.⁴⁰

³⁹ IDEM.

⁴⁰ IDEM.

Conta ainda o seu Paumeide na entrevista, que quando ocorriam enchentes, o rio enchia e o gado vinha com a força da água parar aqui na beira-mar, e antes do dono chegar para verificar se o animal era dele, eles, os pescadores, já haviam pego e matado para distribuir entre eles e a comunidade, os cortes do animal para se alimentarem, então devido a coroa estourar em dois lugares com a força da água e assim a coroa da Barra ficou conhecida como: “ coroa da vaca”⁴¹ porque encontraram uma vaca ali.

Através do Senhor Pedroso e outros pessoas aqui citadas, observa-se que a memória é um patrimônio de luzes. “Um banco de dados”, onde tudo fica armazenado, palpitando. Contém informações que nos possibilitam absorver o presente e caminhar em direções diversas.

Rebuscar a memória é retornar a história e enriquecer o presente e garantir que as futuras gerações conheçam nossa herança.

E os moradores próximos de Hercílio Luz e Ilhas contam muitas histórias principalmente, aquelas que envolvem os nativos, contadas por seus pais, avós e entre outros. Essas pessoas as quais que o Pe João Dall’Alba entrevistou tem muitas coisas em comum. A simplicidade e o prazer de repassar o contexto histórico e algumas experiências, já vivenciadas. O povo dessa localidade sabe mais história de Araranguá do que os atuais moradores da cidade. Atribui-se esse fato à demora da chegada da energia elétrica. Eles começam a contar com esses recursos somente na década de 70.

Observa-se que passaram somente 34 anos da chegada da eletricidade. Portanto os cidadãos não tinham muito que fazer. Diante desse acontecimento exercitam suas mentes em roda de amigos, domingos na praça, nos finais de

⁴¹ A Coroa da Vaca: refere-se a coroa do mar e um banco de areia dentro do mar (baixa profundidade).

missas. E ainda hoje, alguns moradores se reúnem para uma boa conversa lembrando de acontecimentos que deixaram marcas e feridas. E o Sr.^o Idio Bartolomeu Teixeira de 81 anos, exercita sua mente relembando dos domingos, das moças do Morro Agudo:

De domingo, antigamente, nos meus tempos de rapaz, saía-se para conversas com os amigos, ia-se na bodega do Jacques Brero, no Barro Vermelho. O velho Reinaldo também colocou um aqui perto. Ia ao Espigão da Pedra. Qualquer gaitinha 4 baixos, de 8 baixos afinava o baile. Moça tinha bastante. Isso até admira. Hoje está tão aumentado e não tem moça como lá no Espigão da Pedra. Tinha umas vinte ou trinta moças por lá, naquele tempo. Há uma capela lá, de São Valentim. Aos 15 anos vi o primeiro caminhão aos 22 anos. Foi numa festa. Cobrava um mil reis por pessoas para ir do Rio dos Porcos a Cangicas. Foi um momento importante, um ato de bravura!⁴²

Por essas redondezas nos dias atuais, observa-se nas estradas o transporte, que no início era bravura de quem andasse, hoje ainda crianças conduzem tratores como se estivessem andando em algo super simples e natural. Mas o tempo passa, surgem novos desenvolvimentos tecnológicos, e nessas localidades, alguns moradores mais antigos procuram deixar viva, traços culturais, não somente da pesca artesanal, como das pequenas igrejinhas, as domingueiras com som mecânico e algumas vezes com cantores da terra. Existe ainda o encontro atrás da capela após as missas ou festas. Portanto mesmo havendo uma aculturação, juntamente com os carros, tratores, bicicletas e motocicletas, misturam-se os carros de boi e as carroças. Tentando coexistir as mudanças que o mundo impõem com o já conhecido.

Na questão econômica, estas comunidades próximas à Cangicas contribuíram para emancipação de Araranguá. Através das grandes embarcações em Cangicas, que vinham de Laguna e de Desterro rumo ao porto de Cangicas, trazendo mercadorias. Existiam também na comunidade uma pensão, um posto

⁴² DALL'ALBA, João Leonir. *Histórias do Grande Araranguá*: Araranguá. Orion. 1997. p.259.

telefônico, e escrivão. Observa-se que Hercílio Luz (conhecida como Cangicas) já teve seu momento de glória e progresso. Hoje apresenta uma característica de tranquilidade e passividade. Nem sempre foi assim segundo depoimento de Manuel Valentim aos 80 anos naquela época em 1986 hoje com 100 anos de idade.

Quando era pequeno, rapazote, conheci um grande movimento de embarcação na Cangica... O porto era perto de casa do Danúbio, para cima um pouquinho. Havia ali uns casarões grandes... Havia a casa de comércio do Brígido. Conheci a casa de comércio do Velho Brígido, mulatão negro, muito rico... Eu nasci em 1906. Por volta de 1915, nas Cangicas, havia uma pensão do Antônio Estevão... No Centro quase não havia comércio. Só na costa do rio... Lá em cima já havia escrivão, o José Patrício. Já havia políticos. O João Bento não era tanto, mas Antônio Brígido era muito político. Ambos eram mulatos.⁴³

Sua esposa também relata que eles de pequenos presenciaram muitas lutas.

Agora fala Dona Odóxia:

Da Povoação, eram fatos muito antigo em relação ao meu tempo de criança. Houvera uma luta, teria morrido gente. De fato havia um cemitério ali. A mãe contava que eles ouviram tiroteio ali dos conventos. A família toda foi de carreta de boi se esconder no mato. Abandonaram engenho com polvilho, farinha ensacada. Vieram revolucionários. Quando voltaram, encontraram a farinha misturada com marcela, de certo dos colchões, por tudo.⁴⁴

Certamente, essas lembranças deixaram marcas tanto individual como coletiva nestes moradores que aqui modestamente relataram seus depoimentos.

Durante as primeiras décadas do século XX, ainda se constatava a presença de pequenos grupamentos. Carijós que acabaram extintos pela intensificação da colonização. Ainda hoje, em Araranguá, é possível encontrar indivíduos com reconhecida fisionomia indígena, mas com padrões culturais descaracterizados. Até os negros, sofreram essa descaracterização. Observa-se que em Araranguá, ocorreu um branqueamento. Deixando muitos moradores em dúvida, ao responder aqui se encontram-se negros.

⁴³ IDEM.

⁴⁴ IDEM.

A presente pesquisa, rebuscou a memória e retomou a história das primeiras povoações, enriquecendo o presente para garantir que as futuras gerações conheçam nossa herança, ainda assim não seriam, suficientes. Acontece, com efeito, que uma ou várias pessoas reunindo suas lembranças, possam descrever muito exatamente os fatos e mesmo reconstruir toda a seqüência de nossos atos e de nossas palavras dentro das circunstâncias definidas, sem que nos lembrássemos de tudo aquilo que aconteceu há muito tempo.

Araranguá do século XXI é conhecida pelas longas avenidas e belas praias. Uma cidade litorânea conta aproximadamente com 60 mil habitantes. A situação geográfica é privilegiada, estando as margens da BR-101, no extremo Sul catarinense.

Localiza-se no corredor do Mercosul e tem no comércio e na agricultura a base para sua sustentação. Antes visitada por tropeiros e viajantes, a cidade recebe agora vários turistas, de outras regiões brasileiras e até de outros países, que se encantam com suas belezas naturais. O município é privilegiado pela riqueza de suas paisagens. Banhada pelo Oceano Atlântico, onde o encontro das águas do Rio Araranguá com o mar, coroados de pescadores, artesões e de espécies de pássaros, cria-se uma dinâmica paisagística de rara beleza.

Araranguá é conhecida como Cidade das Avenidas, o povo não abandona as vilas, vista que são apresentadas onde inicia a nossa povoação. O colorido das canoas repousando ao balanço das ondas, no braço do rio que banha a localidade de Ilhas, e estende-se até o Morro Agudo; na margem oposta, as alvas dunas que seguem em direção ao Morro dos Conventos ao encontro da luz do farol. Toda esta composição forma em conjunto de beleza indescritível, e uma exuberante biodiversidade implorando pela sua preservação. Um questionamento fica no ar: Se

a cidade de Araranguá se desenvolvesse no mesmo local de início, será que existiria ainda essa riqueza natural? Sendo que o capitalismo está em todos, em alguns ele é mais selvagem.



Foto: Farol de Araranguá.

Aproximadamente “cerca de 16%, segundo IBGE”, a população reside no meio rural, dedicando-se ao cultivo do arroz, mandioca, feijão, fumo e milho. A agricultura, o comércio, o turismo e as indústrias metalúrgicas, cerâmicas, moveleiras e de confecções, juntamente com os setores de serviços, formam a base de sua economia.

Com mais de um século de existência, além das construções antigas, Araranguá conta com alguns contadores de história e lendas que buscam dar ênfase a nossa história. Procuram valorizar na medida do possível o primeiro povo, os nativos. A partir daí, relatam os surgimentos dos primeiros colonizadores portugueses, vindo de Laguna no início do século XIX, os quais povoaram Ilhas, Canjicas (Distrito de Hercílio Luz) e outra localidade próxima á elas. Mais tarde, chegaram os negros, depois imigrantes italianos, alemães, poloneses e espanhóis. Hoje, a maioria dos moradores da cidade é de ascendência italiano.

Araranguá preserva suas tradições, principalmente os moradores de Ilhas, a mais antiga colônia de pescadores da foz do rio Araranguá e que deu origem ao

município, a Igreja Nossa Senhora Mãe dos Homens, no centro da cidade, movimentos religiosos (festa do Divino Espírito Santo) da cidade. O povo de Araranguá guarda lendas e histórias, e indiscutivelmente é uma grande herança aos filhos araranguaenses.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tenho a agradecer as pessoas que contribuíram na realização desta pesquisa, pois a referência que mais contribuiu para a mesma, foi a das entrevistas, que não foram muitas, devido às dificuldades de as pessoas terem em falar, muitas vezes até morando as mesmas, em outras cidades.

Mas, mesmo assim, persistí e fui bem acolhida pelos moradores de “Ilhas”, na pesquisa de campo feita com os moradores, pescadores da localidade. Quando lá cheguei no dia 03 de abril de 2006, no primeiro horário da manhã, a comunidade estava um deserto, mas logo avistei um grupo de pescadores e lá fui me aproximando deles, um tanto assustados e curiosos ao me verem com uma pasta, já que naquele dia era feriado no município. Então os cumprimentei e perguntei se algum deles poderia me auxiliar em uma entrevista para um trabalho de conclusão de curso. Como eram pessoas jovens, logo disseram que não saberiam contar a história daquela comunidade, mas poderiam indicar quem me pudesse ajudar. Estava entre eles um pescador que foi indicado para conceder a entrevista, mas o senhor negou-se a fazê-lo, alegando não saber nada sobre Ilhas. Deu para perceber o seu nervosismo e a sua inquietação, quando se retirou e foi para casa. Os pescadores meio sem graça disseram da sua timidez e coube a mim, compreender. Então, perguntei se poderia ao menos bater uma foto deles e, todos muitos brincalhões logo disseram “é claro, mas como! Tenho que ir a casa passar perfume. Bate, moça, bate. Tem um senhor que lhe pode ajudar que é o Srº Paumeide, esse vive aqui desde quando nasceu, e também a Dona Loli”. Então fui à residência dessas pessoas.

A Dona Loli recebeu-me com um pouco de receio. Quando perguntei para ela se ela poderia dar-me uma entrevista ela logo disse: “sei muito pouco, vivo com o meu marido que está doente, ajudo meu filho no restaurante da Ponta da Ilha nos fim de semana e tranço chapéu e esteira, esteira não mais, agora só chapéu”. Mas foi tudo no portão de entrada de sua residência, acredito que pelo fato de não me conhecer.

Já com o seu Paumeide, foi totalmente diferente, quando lá cheguei, não se encontrava. Tinha ido dar uma volta de bicicleta, fazer um exercício por recomendação médica, segundo a sua esposa, Dona Cema, que me recebeu muito bem. Logo convidou-me para entrar e serviu-me um cafezinho.

Alguns minutos depois, chegou o Sr.^o Paumeide todo sorridente e disse: “no que posso lhe ajudar”? Foi muito receptivo respondeu-me a tudo que perguntei-lhe e em sua conversação logo descobrimos que ele era o pai de uma colega que estudou no colegial comigo.

Então, ele sentiu-se mais seguro, e foi contando como era a sua infância, mostrando as fotos de família e o orgulho de ter seus filhos formados, as fotos de quando moço, todo vestido de terno, pois segundo ele, era assim que os homens tinham que estar na festa de Bom Jesus em Hercílio Luz “Cangicas”. Conta ele ainda que as moças escondiam os vestidos para que os modelos dos vestidos fossem vistos somente na festa, que era uma festa tradicional do nosso distrito, com banda, baile, almoço, missa tudo como mandava o figurino desde daquela época até agora. Já aqui em Ilha é mais simples, o povo é mais simples também.

“A nossa Igreja é pequena, mas todos colaboram na sua manutenção. Mas o que nos dói, é o descaso que os governantes do Município tem conosco, só lembram de nós em época de eleições e esses descontentamento já fez nós até

movimentar um abaixo assinado para que pertencêssemos a Criciúma. Já que a maioria de nossos veranistas é daquela região. Mas, no mais é muito bom morar aqui, não trocaria por lugar nenhum. Os amigos, os visitantes todos são muito acolhedores e também é o amor pela pesca, que este é indiscutível. Desde que me conheço como gente é isso que sei fazer. Mas, infelizmente, não existe um incentivo para que os filho de nossa terra continue, essa tradição.

Para isso a maioria deles, vão trabalhar em Araranguá, Criciúma, Içara no comércio ou em casa de família.

Enquanto que o comércio era para ser forte aqui por ser uma comunidade turística, mas não é o que acontece.

O mais que posso dizer é que devem visitar esse Balneário e desfrutar, de toda sua beleza e harmonia que lá se encontram como aquela rodada de canastra com os amigos no fim de tarde. Os grupos de pessoas no início da manhã aguardando a chegada dos barcos de pesca nos portos, contando história de pescadores enquanto aguardam a chegada dos barcos”.

Enfim, é uma comunidade, uma colônia de pescadores para a qual as autoridades deveriam dar o merecido valor, pois são pessoas que merecem ser respeitadas e não querem nada além do que é seu por direito, como cidadão.

Sem dúvida, esses tênues traços de aceitamentos, tão fragilizados pelo esquecimento e pelo desconhecimento, através do tempo, poderiam e deveriam ser fontes de conhecimento para aqueles que buscam verdadeiramente a essência de seu povo.

Os fatos do passado, os quais construíram nossa história e a identidade de toda uma sociedade, são uma inestimável herança, um tesouro precioso que deveria permanecer eterno e majestoso no coração do povo araranguaense, através de

registros oficiais, e infra-estruturas, incentivando o turismo, para um maior desenvolvimento do balneário e uma melhor qualidade de vida para os seus habitantes que tanto contribuíram na construção de uma história da qual todos nós, orgulhosamente, fazemos parte.

REFERÊNCIA

_____, Rocha, Alexandre. **A Primeira Capela.** Araranguá Memória. Jornaleco. Araranguá. 1º/08/2003. 185.

Arquivo Histórico Municipal de Araranguá. Centro Cultural. Acervo.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é Sólido Desmancha no Ar. A aventura da Modernidade.** 9ª ed. São Paulo. 1992.

BURKE, Peter. **A Escrita da História.** São Paulo. UNESP. 1992.

CAMPOS, Bernadino de Senna. **Memória do Araranguá; Seleção e Coordenação do Padre João Leonir Dall’Alba.** Florianópolis: Lunardelli, 1987. 176p.

CORUJA, Antônio Álvares Pereira. **Antigualhas; renúmiscências de Porto Alegre.** Porto Alegre. Erus. 1983.

DALL’ALBA, João Leonir. **História do Grande Araranguá.** Araranguá: Orion, 1997. 519p.

FARIAS, Vilson Francisco de. **Dos Açores ao Brasil Meridional: Uma Viagem no Tempo: 500 anos.** 2 ed. Florianópolis: Ed do autor, 2000. 504p.

FARIAS, Vilson Francisco de. **Dos Açores ao Brasil Meridional: Uma Viagem no Tempo: Povoamento, Demografia, Cultura, Açores e litoral Catarinense.** Florianópolis: Ed do autor, 1998. 402p.

HOBOLD, Paulo. **A História de Araranguá.** C. atualizada por Alexandre Rocha. Araranguá. [s.n] 2005. 311p.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural.** Belo Horizonte: Autêntica, 2003. 132p.

PIAZZA, Walter Fernando. **A Colonização de Santa Catarina.** 3ed. Florianópolis: Lunardelli, c 1994. 376 p.

ROCHA, Alexandre. **Araranguá Memória.** Jornaleco: A Criação da Freguesia. Araranguá, 1º/08/2003. 185. 28 ap.

SACHET, Celestino e Sérgio. **História de Santa Catarina: O Contestado.** Florianópolis: Século Catarinense. 2001. 352p.

SANTOS, Sílvio Coelho dos. **Índios e Brancos no Sul do Brasil. A dramática experiência dos Xoklevg.** Florianópolis; Edene, 1973.

SCAINI, Everaldo. Jornaleco. Ano. 06. nº 2000.

ANEXO



Pescadores de Ilhas. Foto: Gisele Da-Soler Teixeira 2006.



Igreja de Ilhas. Foto: Gisele Da-Soler Teixeira 2006.



Porto de Ilhas. Foto: Gisele Da-Soler Teixeira 2006.



Atual Colônia de Pescadores de Ilhas. Foto: Gisele Da-Soler Teixeira 2006.

